

ASPECTOS DO FEMINISMO EM *FEMINIDADES E UN TEMA VIEJO* DE ALFONSINA STORNI

ASPECTS OF FEMINISM IN *FEMINIDADES AND UN TEMA VIEJO*, BY ALFONSINA STORNI

Cristiane de Mesquita ALVES¹

Resumo: Este artigo tem como objetivo apresentar o que é o feminismo, enquanto uma ação política, social e ideológica responsável por pensar em uma mudança estrutural e comportamental da sociedade em relação à emancipação da mulher e do papel feminino diante do patriarcado, a partir da concepção crítica de uma das mais importantes escritoras latino-americanas da vida moderna, nas primeiras décadas do século XX: Alfonsina Storni. Para tanto, a pesquisa se organizou por meio de uma metodologia de revisão de leituras de duas intervenções ensaísticas publicadas por ela, no ano de 1919, na revista *La Nota*, respectivamente: *Feminidades* e *Un tema viejo*. Estes textos serviram de base para a apresentação da teoria crítica do feminismo de Storni exposta neste estudo, somada à apreciação de discussões de pressupostos teóricos, como: Cixous (2022) em referência à escrita de autoria feminina e como a literatura pode ser um espaço importante de divulgação da corrente feminista; Lerner (2019) no que diz respeito à formação de uma cultura feminina na sociedade como um modo de desconstruir os valores patriarcais opressores; Astrada (1967), Herrán (2001) e Diz (2004) sobre a obra de Storni; Bernan (1986) acerca das características da modernidade na vida cotidiana e na obra e, outros que sustentaram a argumentação levantada nesta escrita.

Palavras-chave: Comportamentos femininos; feminismo crítico; vida moderna.

Abstract: This article seeks to explore feminism as a political, social, and ideological movement aimed at promoting structural and behavioral changes in society concerning women's emancipation and their role in confronting patriarchy. The study is grounded in the critical perspective of Alfonsina Storni, one of the most significant Latin American writers of the early 20th century. The research focus on two essays she published in 1919 in the magazine *La Nota*: *Feminidades* and *Un tema viejo*, respectively. These texts serve as the foundation for analyzing Storni's critical theory of feminism, complemented by discussions of key theoretical frameworks, such as Cixous (2022), regarding women's writing and literature as a vital medium for advancing the feminist movement; Lerner (2019), addressing the development of a feminine culture as a tool for deconstructing patriarchal oppression; and Astrada (1967), Herrán (2001), and Diz (2004) on Storni's work. Additionally, Bernan (1986) provides insights into the characteristics of modernity in everyday life and Storni's literary output, alongside other scholars who support the arguments presented in this study.

Keywords: Feminine behaviors; critical feminism; modern life.

¹ Profa. Adjunta do Instituto de Letras e Comunicação da Universidade Federal do Pará (ILC/UFPA). Pós-doutoranda em Literaturas Espanhola e Hispano-americana pela Universidade de São Paulo (FFLCH/USP). Doutora em Comunicação, Linguagens e Cultura (UNAMA/Bolsista-PROSUP/CAPES). Líder do Grupo de Pesquisa *Mulheres Amazônicas e Latino-americanas na Literatura e nas Artes* (MALALAS- UFPA/CNPq). E-mail: crismesquita@ufpa.br. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-1723-9611>.

Introdução

Alfonsina Storni é uma das mais feministas das poetisas e escritoras da Literatura latino-americana no contexto da modernidade. Embora em sua época estético-artístico-literária, algumas mulheres sobressaíram-se no palco, majoritariamente ocupado por homens, e cada uma a seu modo, expressando os sentimentos femininos, Storni se destaca por fazer de sua feminilidade como um problema, não apenas individual, como também social, como sinaliza Astrada (1967).

A autora, naturalizada argentina, viveu de modo muito modesto e com dificuldades financeiras no cone sul, Storni sentiu as agruras de seu sexo e sua classe social interseccionando lado a lado em sua aceitação nos espaços sociais e culturais da Argentina no cenário das mudanças políticas, sociais, culturais e econômicas que estavam configurando as três primeiras décadas do século XX.

Storni nasceu na Suíça, na cidade de Sala Capriasca em 1892, e junto a sua família, instalou-se na Argentina desde a infância até a sua morte – suicídio no Mar del Plata em 1938. Residiu em várias cidades argentinas até fixar residência em Buenos Aires. Trabalhou em diversos setores comerciais, editoriais e educacionais para poder manter-se e ao seu filho Alejandro Alfonso Storni (1912-2009), considerado ilegítimo para os padrões cristãos patriarcais daquele contexto.

Mulher, trabalhadora, mãe solteira, independente, militante política feminista, dona de uma criatividade lírica e antilírica exuberante, autora de uma produção interliterária grandiosa que contempla livros em versos, peças teatrais (para o público adulto e infantil), ensaios, artigos, opiniões, intervenções, contos, crônicas, cartas, pequenas narrativas e outros gêneros literários, publicados em livros, revistas e jornais. Alfonsina Storni está entre as mulheres que mais se dedicou à escrita feminista literária e crítica entre 1916 a 1938 – períodos que correspondem à publicação de sua obra.

Ocupou espaços onde notoriamente era permitido apenas para homens, como bares e cafês e, aos poucos, mudou a maneira de como esses lugares viam a presença feminina, como o Café Tortoni, em que ela passou a frequentar primeiramente em espaços modestos, quase às escondidas, e se tornou uma mulher que com sua atitude e astúcia, de uma coragem surpreendente no modo de falar, recitar e escrever sobre as reivindicações pela ocupação das mulheres em todos os espaços sociais passou a ter o

direito de estar no salão central, junto aos demais escritores (homens) que se reuniam cotidianamente, no lugar considerado o mais importante e popular, como um espaço de divulgação cultural de intelectuais, artistas e escritores argentinos e internacionais desde 1858.

Participou ativamente de manifestações sociais pelo direito da mulher ao sufrágio na Argentina, clubes de mulheres, partido socialista, recitais públicos, ministrou palestras sobre o papel das mulheres tanto na Argentina quanto internacionalmente, ao lado de outras escritoras de seu ciclo intelectual, como por exemplo, a boliviana Blanca de la Vega em 1930 em vários espaços na Espanha; e, em 1938, no Uruguai na companhia da chilena Gabriela Mistral e da uruguaia Juana de Ibarbourou. Além de estabelecer inúmeras parcerias interliterárias com seus amigos escritores mais próximos: Horacio Quiroga, Manuel Gálvez, José Ingenieros, Juan Julian Lastra, Emir Emin Arslan, o pintor Benito Quinquela Martín, do artista plástico Emilio Centurión e outros.

Além disso, Storni manteve uma relação de amizade e de luta com as principais feministas do palco latino-americano, como Alicia Moreau de Justo, Sara Justo, Julieta Lanteri, Carolina Muzzilli, Elvira Rawson de Dellepiane e Cecília Grierson. Somado a isso, mantinha uma atuação proeminente na elaboração e publicação diária de seus textos em diversas revistas e jornais.

Nesse contexto, Storni era uma poeta, escritora, dramaturga, professora e ensaísta popular, que ao mesmo tempo em que era elogiada por um número bem expressivo de pessoas, era desprestigiada por outras, por abordar temas em sua escrita tão desvirtuados da tradição católica patriarcal. E, este assunto, como a própria Storni já denominou de *un tema viejo* (um tema velho): o feminismo – é sobre este tema que este trabalho irá discorrer na próxima seção.

O feminismo nos dois textos de Alfonsina Storni

O feminismo, como um movimento social em prol dos direitos femininos, foi se tornando uma realidade mais palpável a partir do século XIX, com as manifestações de vários movimentos organizados por mulheres em diferentes nações e, por diversas formas. No espaço literário, ele foi sendo representado nas poéticas, na elaboração de

narradoras e personagens que alicerçaram histórias que demonstraram/demonstram experiências de vida das mulheres que lutam por seus direitos humanos em todos os aspectos sociais e pessoais.

Na virada do século XIX para o XX, a expressão do feminismo chegou às revistas e aos jornais por meio de artigos e ensaios assinados por mulheres em uma tentativa de desmistificação do papel social da mulher–lar, propagado pelo discurso cristão-patriarcal de que o fazer social da mulher estava condicionado ao cuidado dos filhos, do marido e da família. Seja registrando o seu nome, seja pelo uso de pseudônimos masculinos nestes textos escritos por mulheres, esses meios de comunicação tiveram uma contribuição positiva na divulgação do pensamento feminista e, por ajudar muitas mulheres a entender-se como uma mulher–sujeito na sociedade.

Uma dessas revistas importantes foi a *La Nota*, fundada em Buenos Aires em 1915 pelo autor, jornalista, editor e cônsul libanês Emir Emin Arslan, que se tornaria um grande amigo de Alfonsina Storni. Ela publicou seus poemas e seus textos em prosa na revista, em quase todas as edições a partir de 1915. Mas, só foi a partir de março de 1919, que Alfonsina assumiu a autoria da coluna feminina intitulada *Feminidades*, substituída por *Vida femenina* até o fechamento da revista.

Em *La Nota*, Storni assinava com seu nome, diferente da coluna que ela escrevia no Jornal *La Nación*, no mesmo interstício em que publicava na revista de Emir. Em *La Nación* assinava por um pseudônimo chamado Tao Lao. Em *La Nota*, a autora já tem “um tom bastante polêmico e militante desde o ponto de vista feminista, que bem poderíamos contextualizar historicamente, dado o impacto do feminismo naquela década”. (DIZ, 2004, p. 87, tradução minha)². Isso justifica o modo crítico de Storni na escrita dos textos publicados na revista *La Nota*.

A revista *La Nota* edita seu primeiro número em 14 de agosto de 1915 e seu último número em 29 de outubro de 1920 [...]. A revista está imbuída da experiência da guerra na Europa, e tem como objetivo servir as forças aliadas contra a Alemanha e, como diz no seu primeiro número, está aberta a todos os intelectuais do Rio da Prata (DIZ, 2004, p. 87, tradução minha).³

² “un tono bastante polémico y militante desde el punto de vista feminista, que bien podríamos contextualizar históricamente, dado el impacto del feminismo en aquella década”. (DIZ, 2004, p. 87).

³ La revista *La Nota* edita su primer número el 14 de agosto de 1915 y su último número el 29 de octubre de 1920 [...]. La revista se presenta imbuída por la vivencia de la guerra en Europa, y se propone servir a

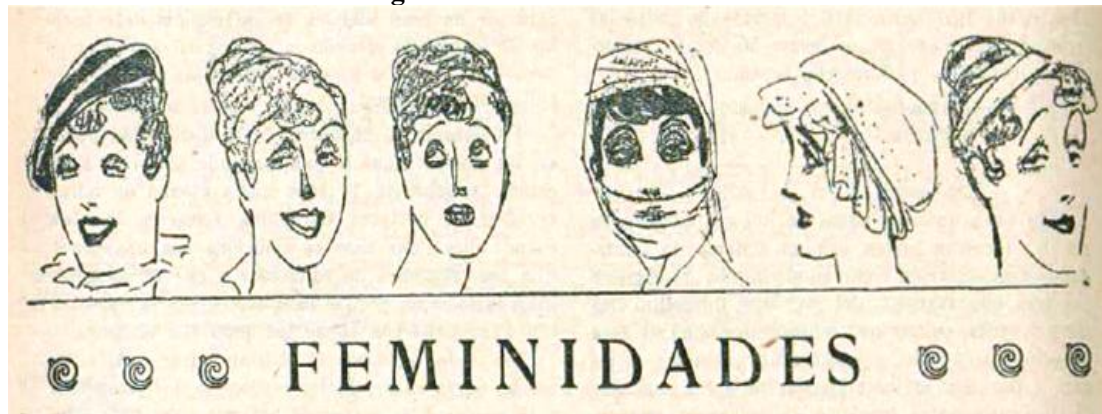
O perfil da revista colabora para que Alfonsina imprima sua sensibilidade e concepção crítica social acerca do feminismo em suas publicações. Ela compartilha em seus textos os ambientes e algumas preocupações da mulher no contexto moderno, movida pelo desejo de mudança, de autotransformação e de transformação do mundo ao seu redor. Alfonsina foi um ser moderno que viveu o paradoxo e/ou a contradição de um tempo marcado pelo terror da mudança para uma sociedade patriarcal, em se tratando de transformação social para a mulher. Berman (1986) define essa condição de quem viveu neste contexto:

Ser moderno é viver uma vida de paradoxo e contradição. É sentir-se fortalecido pelas imensas organizações burocráticas que detêm o poder de controlar e freqüentemente destruir comunidades, valores, vidas; e ainda sentir-se compelido a enfrentar essas forças, a lutar para mudar o *seu* mundo transformando-o em *nosso* mundo. É ser ao mesmo tempo revolucionário e conservador: aberto a novas possibilidades de experiência e aventura, aterrorizado pelo abismo niilista ao qual tantas das aventuras modernas conduzem, na expectativa de criar e conservar algo real, ainda quando tudo em volta se desfaz. (BERMAN, 1986, p. 13-14, grifos do autor).

Diante dessa definição, Alfonsina escreveu revolucionando o conservadorismo, repensando as velhas estruturas patriarcais que mantinham a vigília sobre as arestas sociais que pensavam e colocavam imposições sobre os costumes e os valores, sobretudo para eles serem seguidos, sem restrições, pelas mulheres. Storni, grosso modo, aproveitou a conjuntura social patriarcal ainda caracterizada “pelo terror da desorientação e da desintegração, o terror da vida que se desfaz em pedaços” (BERMAN, 1986, p. 13) que naquele momento estava vivendo, e, tomou para si, a responsabilidade de orientar, guiar, informar as mulheres e os homens sobre o que ela definiria dentre os conceitos de seu feminismo, de responsabilidade social para todos e todas.

Nessa perspectiva, situam-se duas leituras de Storni publicadas na revista *La Nota: Feminidades* (28 de março de 1919) e *Un tema viejo* (25 de abril de 1919), para apresentar os aspectos do feminismo latino-americano por Alfonsina Storni. A primeira delas é *Feminidades*:

las fuerzas aliadas en contra de Alemania y, según dice en su primer número, se halla abierta a todos los intelectuales del Río de la Plata. (DIZ, 2004, p. 87).

Figura 01: Coluna *Feminidades*.

Fonte: Revista *La Nota*, 28 de marzo de 1919, p. 406.

Feminidades não é somente o nome da escrita intitulada por Storni, mas também é o nome que Emir Emin Arslan atribuiu à coluna que Storni e outros escritores assinaram antes e depois dela. Storni descreve sua primeira experiência de escrita em *Feminidades*, inclusive citando o nome do amigo, escritor e editor da revista.

O día está cinzento... uma chuva persistente bate os cristais, ademais, li no caminho, sobre a vida de Verlaine... A pergunta “Você é pobre?” que me foi dirigida, apetece-me responder: Emir, eu escrevo versos... Mas, nesse preciso momento, olho para a luz elétrica e ela me sugere uma série de coisas: a idade moderna, o século em que nos movemos, a higiene, a guerra contra o álcool, as teorias vegetarianas, etc.

Em um instante compreendi que devo viver em meu século; mato, então, o romantismo que o dia de chuva e Verlaine me contagiaram, e escolhendo o meu sorriso mais despreocupado (tenho muitos), respondo: Emir regular... estou a viver. Depois o Emir me propõe: “Porque você não se encarrega da seção “Feminidades” de *La Nota*?”

Dirigi ao Emir o olhar mais raivoso que possuo (tenho muitos).

De um momento para o outro, lembrei-me também: Conversas femininas, Conversação entre elas, Feminina, Sra. Mistério... todas estas respeitáveis seções oferecem à amiga recomendada, que não sabe onde se colocar. (STORNI, 1919, p. 406, grifos da autora, tradução minha).⁴

⁴ El día es gris... una lluvia persistente golpea los cristales, además he venido leyendo en el camino cosas de la vida de Verlaine... A la pregunta ¿es usted pobre? que me han dirigido, siento deseos de contestar: Emir, hago versos... Pero en ese preciso momento miro la luz eléctrica y me sugiere una cantidad de cosas: la época moderna, el siglo en que nos movemos, la higiene, la guerra al alcohol, las teorías vegetarianas, etc.

En un instante he comprendido que debo vivir en mi siglo; mato, pues, el romanticismo que me han contagiado el día lluvioso y Verlaine y escogiendo mi más despreocupada sonrisa (tengo muchas), contesto: Regular Emir... voy viviendo. Entonces el Emir me propone: ¿Por qué no toma usted a su cargo en *La Nota* la sección “Feminidades”?

He dirigido al Emir la más rabiosa mirada que poseo (tengo muchas).

También de un golpe he recordado: Charlas femeninas, Conversación entre ellas, Femeninas, La señora Misterio... todas esas respetables secciones se ofrecen a la amiga recomendada, que no se sabe dónde ubicar. (STORNI, 1919, p. 406, grifos da autora).

De um modo coloquial, descontraído, desabafo de uma conversa com um amigo, Storni – com suas perguntas muito comprometidas – destaca algumas reflexões para seu leitor (a): ‘Em um instante compreendi que devo viver em meu século’, a autora tem a nitidez do que é viver em seu século e compreende o quanto seu posicionamento social é importante para expô-lo, enquanto uma mulher que busca conquistar seu lugar de sujeito social; ‘mato, pois, o romantismo que o dia chuvoso e Verlaine me contagiaram e escolhendo meu mais despreocupado sorriso (tenho muitos)’ – ela desconstrói a imagem que muitos críticos literários de seu tempo construíram para ela: de uma poeta de um romantismo tardio, de uma poeta do amor; ‘contesto: Regular Emir... vou vivendo’, as palavras ‘regular’ e ‘vou vivendo’ são muito marcantes na escrita de Storni, ela não tem o estereótipo de mulher regular, ela é uma mulher que vive os dias diferentes, as transformações sociais; ‘todas essas respeitáveis seções oferecem à amiga recomendada, que não se sabe onde localizar’, já inicia uma crítica as colunas que têm seções que recomendam dicas domésticas para as mulheres. Para Storni, as mulheres precisam saber primeiro o seu lugar na sociedade, e muitas precisavam ainda saber disso!

[...] Convenci-me de que o Emir, para a sua seção “Feminidades”, quer um gênio. Penso que esse gênio sou eu mesma; olho-me no meu espelho de mão para comprovar se eu sou eu. Noto que, em efeito, estou sem modificação. Bem, pois: resolvo-me por a seção “Feminidades”. Não quero culpar a ninguém. Os orientais são fatalistas; Martín Fierro também o era... logo, o sexo feminino é resignado por hábito.. (STORNI, 1919, p. 406, grifos da autora, tradução minha).⁵

No trecho, há que considerar que em ‘olho-me no meu espelho de mão para comprovar se eu sou eu. Noto que, em efeito, estou sem modificação’, pode-se entender que ao se olhar no espelho, a mulher que ela vê é a mesma que ela iria apresentar às leitoras e aos leitores, ou seja, uma grande ativista feminista; ‘estou sem modificação’, um ponto muito importante a destacar: ela assinaria por si própria, sem usos de pseudônimos; ‘Martín Fierro também o era... logo, o sexo feminino é resignado por

⁵ [...] Me he convencido de que el Emir, para su sección “Feminidades”, quiere un genio. Pienso que ese genio soy yo misma; me miro en mi espejo de mano para comprobar si yo soy yo. Noto que, en efecto, estoy sin modificación.

Bien, pues: me resuelvo por la sección “Feminidades”.

No quiero echar culpas a nadie. Los orientales son fatalistas; Martín Fierro también lo era... luego el sexo femenino es resignado por hábito. (STORNI, 1919, p. 406, grifos da autora).

hábito”, a referência fatalista, em relação aos orientais e a *Martin Fierro* retratada por Storni, pode ser observada como uma crítica direta, pelo pouco reconhecimento que a revista *Martin Fierro*, uma das maiores revistas argentinas naquele momento, tinha em relação a ela. *Martin Fierro* possuía como um dos seus maiores nomes, Jorge Luis Borges que não escondia do público seu descaso e crítica mordaz à obra de Alfonsina Storni.

Outra situação levantada em *Feminidades* por Storni é a questão da candidatura de uma mulher a um cargo político, mais especificamente pela médica feminista Julieta Lanteri e a reação de um amigo escritor, quando pondera a feiura em relação à mulher como fator de opinião a ela:

Se lhes tivessem dito, faz dois meses, que nas próximas eleições seria votada uma mulher, vocês teriam rido, porque jamais teriam suspeitado que, de repente, como um cogumelo que brotou depois da chuva, a doutora Lanteri teria testado a bravura masculina.

A doutora Lanteri, pessoa da minha amizade e respeito, é mulher que tem dado provas de uma grande originalidade. [...]

Mulher capaz dessa característica não hesitou em se expor em praças públicas à malevolência de boa parte do povo leitor. [...]

Assim, pois, quando vi anunciada a candidatura da doutora Lanteri, resolvi investigar caso por caso a opinião pessoal da maior parte dos homens que conheço.

Tenho amigos para quem sua feição parecia digna de todos os elogios, outros a acharam grotesca e ridícula.

No entanto, entre meus amigos pessoais, eu não conto com um bom rapaz de vinte a trinta anos, de cintura de vespa e cabelos brilhantes, de poucas letras e modos gentis, a primeira figura dos saraus, doce acariciador de mãos brancas ao ritmo de um dançante.

Fui, pois, a pescar o homenzinho perfumado, ardendo de amor cívico, ansiosa por penetrar pelas opiniões diversas o pensamento do país, até que me deparei com ele.

Conhecê-lo e ir direto satisfazer minha curiosidade foi uma delas.

—O que você acha da doutora Lanteri?

—“Ela é feia”, ele respondeu.

Achei tão engraçado que ainda estou rindo. (STORNI, 1919, p. 406-407, tradução minha).⁶

⁶ Si os hubieran dicho, hace dos meses, que en las próximas elecciones una mujer sería votada, hubierais reído, porque no hubierais sospechado jamás que, de pronto, así como un hongo brotado después de la lluvia, la doctora Lanteri hubiera puesto a prueba la galantería masculina.

La doctora Lanteri, persona de mi amistad y mi respeto, es mujer que ha dado pruebas de una gran originalidad. [...]

Mujer capaz de este rasgo no ha trepidado en exponerse en las plazas públicas a la malevolencia de una buena parte del pueblo elector. [...]

Así, pues, cuando vi anunciada la candidatura de la doctora Lanteri, resolví investigar caso por caso la opinión personal de la mayor parte de los hombres que conozco.

Amigos tengo a quienes su rasgo pareció digno de todo encomio, otros lo hallaron grotesco y ridículo.

O riso de Storni tem que ser observado como uma mistura entre a ironia e talvez desolação, pois Lanteri estava sendo analisada por ser feia, por um homem – em vez de outras qualidades que ela teria, como uma mulher que estudou, que trabalhou, que salvou vidas de outras pessoas, que estava, de um modo ou de outro, candidatando-se a um cargo político para lutar, ou seja, pelo bem-estar social. Imaginar uma mulher ocupando um cargo político, apresentando propostas de bem-estar social para todos e todas é uma realidade que Storni descreve neste texto. Esse desejo de Alfonsina Storni reflete o que Cixous (2022a, p. 33) defendeu em torno da escrita de autoria feminina: “Em literatura, já existe o que ainda não existe na realidade. É por isso que eu convido à escrita.” Assim, no texto literário de mulheres, elas apontam realidades desejadas, denúncias sofridas por elas, reflexões sobre a vida social e o comportamento em que elas são obrigadas e condicionadas a seguir.

Mais uma circunstância apontada em *Feminidades* de que o fato de ser mulher é uma categorização de segundo plano é descrita e criticada por Storni, no exemplo de serviço ao atendimento público:

As senhoritas telefonistas estão em greve. Creio que é uma greve justa. Essas pobres jovens ganham uma ninharia e têm um trabalho desagradável. No entanto, nós deveríamos ficar ressentidas com a senhorita telefonista. Sabemos que as pessoas do sexo feminino são tratadas com certa indiferença. Tenho uma amiga que, quando quer obter comunicação rápida, faz seu pedido com o irmão... é verdade que o irmão tem uma voz bem afinada e essa voz possivelmente adquirirá, através do fio, sons simpáticos.

Penso também que a pobre moça que trabalha na central telefônica, com o seu caráter azedado pela mesma tensão nervosa do seu trabalho, deve sentir-se incomodada quando uma voz feminina, aguda ou ofensiva, lê no seu tímpano.

Deve ser por isso que, que de vez em quando, se uma pessoa do sexo feminino espera comunicação, em vez disso, costuma sentir um choque, no tubo telefônico, capaz de deixá-la surda.

Seria de esperar que esta greve resolvesse até mesmo aquela pequena antipatia de sexo.

Sin embargo, entre mis amigos personales, yo no cuento con un buen muchacho de veinte a treinta años, de cintura de avispa y brillante cabellera, de pocas letras y gentiles modos, primera figura de saraos, dulce acariciador de manos blancas al compás de un bailable.

Anduve, pues, a la pesca del hombrecillo perfumado, ardida en amor cívico, deseosa de penetrar a través de opiniones distintas el pensamiento del país, hasta que tropecé con él.

Conocerlo e irme directamente a satisfacer mi curiosidad fue uno.

—¿Qué opina usted de la doctora Lanteri?

—Que es fea —me contestó.

Me hizo tanta gracia que me estoy riendo todavía. (STORNI, 1919, p. 406-407).

Não custaria nada para a jovem telefonista não fazer aquelas chatices e para a mulher ser menos impaciente e gritar menos ao solicitar comunicação; isso se você não tiver um irmão de voz doce em mãos, o que é difícil de sair de fábrica, assim, em um momento e para um uso tão leve.

Seja como for, desejamos todo tipo de melhorias à jovem telefonista.
(STORNI, 1919, p. 407, tradução minha).⁷

O exemplo da amiga em pedir ao irmão para ter um bom atendimento público diz muito sobre como os papéis e os privilégios de sexo – homem x mulher – estavam bem estruturados na sociedade das primeiras décadas do século XX, e como o texto de Alfonsina Storni é tão necessário ser lido e conhecido pelo leitor e pela leitora do século XXI, para perceber como foi o tratamento dado à mulher e ao homem em pequenas situações do cotidiano, bem como para traçar um paralelo, mostrando como alguns exemplos desta natureza ainda permanecem, infelizmente, um século depois da observação de Storni. Além disso, ela critica a falta de sororidade que há entre a telefonista com outras mulheres.

Feminidades inaugura, assim, a escrita de Storni na coluna da revista *La Nota*, no entanto, vale ressaltar que os questionamentos sobre os privilégios do homem em detrimento aos da mulher nas situações do cotidiano são muito criticados pela autora, praticamente em toda sua produção lítero-artística.

Alfonsina Storni foi uma escritora moderna que participou como uma agente artística, cultural e política do processo de transição da profunda dicotomia que caracterizou o modernismo em suas primeiras décadas. Berman (1986) descreve este momento como:

⁷ Las señoritas telefonistas están de huelga. Creo que es una huelga justa. Estas pobres muchachas ganan una miseria y tienen un trabajo antipático. Sin embargo, nosotras debiéramos estar resentidas con la señorita telefonista. Nos consta que a las personas del sexo femenino nos atienden con cierta displicencia. Tengo una amiga que, cuando quiere obtener comunicación rápida, la hace pedir con su hermano... es verdad que su hermano tiene una voz bien timbrada y que, posiblemente esa voz adquirirá, a través del hilo, sonoridades simpáticas.

Pienso también que la pobre muchacha que atiende el conmutador, agriado el carácter por la misma tensión nerviosa de su trabajo, se ha de sentir molestada cuando una voz femenina, aguda o hiriente, le da en el tímpano.

Debe ser por eso que, de vez en cuando, si una persona femenina espera comunicación, en vez de aquélla, suele sentir una descarga, en el tubo del teléfono, capaz de dejarla sorda.

Sería de desear que esta huelga arreglara hasta esa pequeña antipatía de sexo.

Nada le costaría a la señorita telefonista no hacer esas picardías molestas y a la persona femenina ser menos impaciente y gritar menos al pedir comunicación; esto es si no tiene a mano un hermano de dulce voz, cosa difícil de fábrica, así, en un momento y para tan liviano uso.

Sea como sea, deseamos toda clase de mejoras a la señorita telefonista. (STORNI, 1919, p. 407).

Ao mesmo tempo, o público moderno do século XIX ainda se lembra do que é viver, material e espiritualmente, em um mundo que não chega a ser moderno por inteiro. É dessa profunda dicotomia, dessa sensação de viver em dois mundos simultaneamente, que emerge e se desdobra a idéia de modernismo e modernização. (BERMAN, 1986, p. 15).

Partindo-se dessa ideia, Storni viveu os seus dois mundos, assim como fez das mudanças que se anunciavam para um novo século, uma nova sociedade, um desdobramento em suas obras. Pelas leituras de sua produção, em quaisquer gêneros literários, constata-se que ela, ao escrever sobre o feminismo – ela, não somente via uma forma de definir uma prática de escrita feminina, de divulgar o pensamento da mulher, de lutar pelos direitos femininos, direitos humanos e fundamentais a todo indivíduo social – mas também, procurou seguir o próprio fluxo social que estava em transformação, e ela acreditava que deveria ser em todos os setores: econômico, político, cultural etc. Tal prerrogativa pode ser verificada em outra intervenção ensaística da autora acerca do feminismo, intitulado *Un tema viejo (Um tema velho)*.

No texto, Storni critica a postura de Carlos Gutiérrez Larreta em seu artigo *Comités femininos* publicado na revista *La Nota* em 18 de abril de 1919. Segundo Gutiérrez Larreta (1919), o avanço feminista prometia verdadeiras novidades, sendo um partido único, eminentemente conservador que traria como declaração um programa máximo: conquista dos direitos das mulheres. Para ele, “A mulher, em relação à evolução política, pode-se entender que está nas condições de menina que deseja uma boneca e logo a quebra ‘para ver o que tem dentro’”. (GUTIÉRREZ LARRETA, 1919, p. 461, grifo do autor, tradução minha).⁸ O escritor desvaloriza a luta da mulher, afirma que não passará de um agrupamento de ordem de mulheres que não chegará à revolução social e que a sociedade (dos homens) poderia ficar tranquila. Diante deste texto de tanta desinformação sobre o que seria o feminismo e, tanto descaso e preconceito contra as mulheres por parte de seu colega escritor da mesma revista, Storni escreve:

Houve um tempo em que resolvi não escrever uma palavra séria sobre feminismo; parecia-me que falar de algo feito era perder tempo. Acredito que meu gentilíssimo amigo tenha escrito este artigo como costuma dizer em seus, aliás, magníficos madrigais e sonetos.

⁸ “La mujer, en cuanto a evolución política se entiende, está en las condiciones de la niña que desea una muñeca y luego la rompe ‘para ver qué tiene adentro’”. (GUTIÉRREZ LARRETA, 1919, p. 461, grifo do autor).

Fumou dois ou três cigarros turcos, leu seus poetas favoritos e depois, pegando algumas bolas lindamente coloridas, fez carambolas batendo-lhes elegantemente com um lápis dourado.

Essas carambolas são o seu artigo.

Mas, na vida, as bolas brilhantes com que o articulista joga, são mundos pesados e o taco que as move tem leis formidáveis, em cuja intuição todo o nosso ser treme de espanto, o nosso rosto desmorona, as lágrimas escorrem e ficamos ensombrecidos, obscuros, diante da Coisa inescapável e inexplicável. Somente fazendo um malabarismo despreocupado poderemos falar sobre o feminismo como um elegante perdão às travessuras femininas...

Acho que o feminismo merece muito mais do que uma galanteria gentil, porque é tão importante quanto toda uma transformação coletiva. (STORNI, 1919, p. 500, tradução minha).⁹

Frente à propagação de um discurso misógino, Storni classifica Carlos Gutiérrez Larreta como uma pessoa desinformada, um despreocupado que não entende o feminismo para que, de modo tão desrespeitoso, pudesse falar de feminismo como um elegante perdão às travessuras femininas. Isso explica o fato de Carlos Gutiérrez Larreta escrever um artigo de carambolas, sem sentido. Storni ainda salienta que o feminismo merece muito mais do que uma bondosa galanteria, porque é tão importante como toda uma transformação coletiva. O chamado feminismo para Storni:

Não é mais do que um fracasso da aptidão gerencial masculina em alcançar, por meio de leis, o equilíbrio necessário à felicidade humana.

Se cada chefe de estado e cada chefe de família fossem capazes de conhecer e satisfazer todas as necessidades dos seus dependentes, todos os problemas modernos teriam acabado incluindo o agora famoso feminista. [...]

Desta desconformidade permanente, desta sede, desta esperança, deste movimento inacabado está feita a eternidade.

Dizer: o homem é superior à mulher, a mulher é igual ao homem, etc., parece escorregar, só porque: palavras, palavras, palavras...

Falar de feminismo e separá-lo do todo o conjunto das coisas como algo isolado, sem relação, como uma arbitrariedade do capricho feminino, parece-me um absurdo. [...]

⁹ Hubo un tiempo en que me había propuesto no escribir una palabra en serio sobre feminismo; me parecía que hablar de una cosa hecha era perder tiempo.

Creo que mi gentilísimo amigo ha escrito este artículo como acostumbra a decir sus, por cierto, magníficos madrigales y sonetos.

Ha fumado dos o tres cigarrillos turcos, ha leído a sus poetas favoritos y luego, tomando unas cuantas bolillas de preciosos colores, ha hecho carambolas golpeándolas elegantemente con un lápiz de oro.

Estas carambolas son su artículo.

Pero, en la vida, las brillantes bolillas con que el articulista juega, son mundos pesados y el taco que las mueve tiene formidables leyes ante cuya intuición todo nuestro ser tiembla azorado, el rostro se nos descompone, nos corren las lágrimas y nos quedamos ensombrecidos, turbios, ante la Cosa ineludible e inexplicable.

Sólo haciendo un despreocupado juego malabar se puede hablar de feminismo como en elegante perdón de picardía femenina...

Creo que el feminismo merece mucho más que una bondadosa galantería, porque es tan importante como toda una transformación colectiva. (STORNI, 1919, p. 500).

Rir do feminismo, por exemplo, parece-me tão curioso quanto rir de um dedo porque termina em uma unha. Para chegar ao que chamamos de feminismo, a humanidade seguiu um processo tão exato quanto aquele seguido pelo embrião para se tornar fruto ou pelo fruto para transformar seus elementos em embrião, em etapas sucessivas. (STORNI, 1919, p. 500).¹⁰

O desenvolvimento do feminismo segue a ordem natural das coisas. E, é preciso que as mulheres reconheçam isso, coloquem-se no mundo e na história a partir delas. Pensamentos disparatados de homens como o citado no texto de Storni, impossibilitam a informação adequada sobre o que é o feminismo, são homens essencialmente enraizados na educação patriarcal e temem a feminilidade, propagando a figura da mulher a um caos social, como Carlos Gutiérrez Larreta faz ao citar o mundo grego, governado pelos homens como um espaço de equilíbrio por não ter tido o feminismo, o que Alfonsina rebate criticamente:

O articulista de referência constata que os gregos, tão excelsos, não tiveram feminismo.

Mas esta não deveria ser a razão da excelência da Grécia, porque seguindo tal critério chegaríamos a acreditar que bastará a um povo não ter feminismo para demonstrar o seu equilíbrio.

Poderia citar a Idade Média, que também não teve feminismo, como exemplo de um período de barbárie, caracterizado pelo seu ultraje à dignidade feminina sob o pretexto da honra selvagem, e por uma religião tão deprimente quanto avarenta.

Mas, na verdade, não temos nada no passado que nos ilustre sobre um movimento como o presente, filho dos nossos dias.

Se a época em que vivemos, comparada com alguns pontos luminosos do passado, como a Grécia, por exemplo, é um desastre, não podemos culpar o feminismo por esse desastre.

Pelo contrário, o feminismo nasce deste desastre, procurando nas águas turvas onde nada se vê, “seu” ponto de apoio, “seu” raio de luz. E para isso as mulheres querem usar seus próprios olhos. (STORNI, 1919, p. 500-501, grifos da autora, tradução minha).¹¹

¹⁰ no es más que un fracaso de la aptitud directiva masculina para alcanzar, por medio de las leyes, el equilibrio necesario a la felicidad humana.

Si cada jefe de estado y cada jefe de familia fueran capaces de conocer y llenar todas las necesidades de sus sometidos, se habrían acabado todos los problemas modernos, entre ellos el ya famoso feminista. [...] De esta disconformidad permanente, de esta sed, de esta esperanza, de este movimiento inacabado está hecha la Eternidad.

Decir: el hombre es superior a la mujer, la mujer es igual al hombre, etcétera, me parece deslizar, porque sí: palabras, palabras, palabras...

Hablar de feminismo y separarlo del conjunto de las cosas como una cosa aislada, sin relación, como una arbitrariedad del capricho femenino, me parece disparatado. [...]

Reírse del feminismo, por ejemplo, me parece tan curioso como reírse de un dedo porque termina en una uña. Para llegar a lo que llamamos feminismo la humanidad ha seguido un proceso tan exacto como el que sigue el embrión para llegar a ser fruto o el fruto para transformar sus elementos en embrión, a pasos sucesivos. (STORNI, 1919, p. 500).

¹¹ El articulista de referencia halla que los griegos, tan excelsos, no tuvieron feminismo.

Storni desconstrói a argumentação de Carlos Gutiérrez Larreta citando dois períodos históricos, destacando inclusive o da Idade Média em que não houve feminismo e foi marcado como um dos contextos mais bárbaros e de desastres para a humanidade, segundo a autora, principalmente pela ação do catolicismo, que como ideologia ainda era permanente na dita modernidade. Para Storni (1919), o dogma católico – no que concerne à orientação de educação feminina – estava falido, assim como a civilização e os valores cristãos patriarcais. Tudo o que havia sido construído desde vinte séculos até o presente estava desmoronando de modo estrondosamente, a sociedade estava em transformação e a Igreja precisava então, rever esses valores.

O comentário de Storni não só coloca o articulista em seu lugar de ignorância e preconceito no que se refere ao feminismo, como também desarticula o discurso de bolha social no qual possivelmente ele se coloca como centro da gravidade social. A reflexão apresentada por Storni é perspicaz porque refere à ordenação e à interpretação do passado da humanidade que as mulheres não tiveram o direito de participar devido a posições de homens, como o escritor que ela critica em *Un tema viejo*. Este texto (re) significa a premissa de que:

É escrevendo, a partir da e em direção à mulher, e enfrentando o desafio do discurso governado pelo falo, que a mulher afirmará a mulher num lugar diferente daquele reservado a ela no e pelo símbolo, ou seja, o lugar do silêncio. Que ela escape da armadilha do silêncio. Que ela não permita que a reduzam aos limites da margem ou do harém (CIXOUS, 2022, p. 53).

Alfonsina, ao escrever criticamente sobre o texto do colega em 25 de abril de 1919, sete (7) dias depois da publicação dele (18 de abril de 1919) na mesma revista, não só informa corretamente o leitor e a leitora sobre a verdadeira perspectiva do

Pero no ha de ser esta la razón de la excelsitud de Grecia, pues siguiendo tal criterio llegaríamos a creer que bastará a un pueblo no tener feminismo para demostrar su equilibrio.

Podría citarle la edad media que tampoco tuvo feminismo, como ejemplo de un período de barbarie, caracterizado por su ultraje a la dignidad femenina so pretexto de un honor salvaje, y una religión tan deprimente como avarienta.

Pero en verdad, no tenemos en el pasado nada que nos ilustre sobre un movimiento como el presente, hijo de nuestros días.

Si la época en que nos movemos, comparada con algunos puntos luminosos del pasado, como Grecia, por ejemplo, es un descalabro, no podemos achacar este descalabro al feminismo.

Por el contrario, el feminismo nace de este descalabro, buscando en las aguas turbinas donde nada se ve, “su” punto de apoyo, “su” rayo de luz. Y ello las mujeres quieren emplear sus propios ojos. (STORNI, 1919, p. 500-501, grifos da autora).

feminismo, como também traz para si a responsabilidade de dar visibilidade do ponto de vista feminino, tão marginalizado no processo histórico. No trecho de *Un tema viejo*, ela expõe a importância da repartição deste lugar do conhecimento entre homens e mulheres:

Reparte-se o poder, reparte-se o conhecimento das coisas, reparte-se a responsabilidade.

O homem não sabe o que espera quando perde a tutela, mas deseja se libertar dela, porque sim. Cada célula humana, hoje aspira sentir a responsabilidade.

Desintegrar, separar, dividir... [...] a submissão perfeita quando é perfeita a mão que ordena, quando tudo está cuidado e planejado, então a obediência é doce, a escravidão prazer.

Mas, enquanto tudo move e modifica a infinidade de leis e costumes que correspondem a etapas passadas do pensamento humano, ficam em pé e contra elas se rasgam as carnes de uma porção de mulheres que não tem proteção estatal nem proteção masculina [...]

Essa é, pelo menos, a única regra que conheci pessoalmente em um árduo aprendizado que eu sei.

É a grande parte desta inclemência da vida que quebrou a submissão da mulher e agora ela ensaia a sua vontade, ensaia o seu pensamento, ensaia a sua personalidade. (STORNI, 1919, p. 501, tradução minha).¹²

Outras questões são levantadas por Storni na citação acima como a infinidade de leis que regem a submissão feminina, os costumes fixos que não mudam e não oferecem proteção e cuidado às mulheres nem por parte do Estado, nem pela família ou Igreja. Isso devido ao modelo social do patriarcado que se estabeleceu e se institucionalizou. Este processo se manifestou na organização familiar e nas relações econômicas, “na instituição de burocracias religiosas e governamentais e na mudança das cosmogonias, expressando a supremacia de divindades masculinas.” (LERNER, 2019, p. 31). Constitui-se em uma sociedade dos pensamentos, das personalidades e das vontades dos homens, em detrimento das subjetividades femininas, que foram invisibilizadas no

¹² Se reparte el poder, se reparte el conocimiento de las cosas, se reparte la responsabilidad.

El hombre no sabe lo que espera cuando pierde un tutelaje, pero desea libertarse de él, porque sí. Cada célula humana, hoy aspira a sentir la responsabilidad.

Disgregar, separar, dividir... [...] la sumisión perfecta cuando es perfecta la mano que ordena, cuando todo lo ha cuidado y previsto, entonces la obediencia es dulce, la esclavitud placer.

Pero mientras todo se mueve y modifica infinidad de leyes y costumbres que correspondían a etapas pasadas del pensamiento humano, quedan en pie y contra ellas se rasgan las carnes una porción de mujeres que no tienen ni protección del estado, ni protección masculina. [...]

Esa es, por lo menos, la única norma que conocí personalmente en un duro aprendizaje que me sé.

Es la gran parte esta inclemencia de la vida que ha roto la sumisión en la mujer y ahora ensaya su voluntad, ensaya su pensamiento, ensaya su personalidad. (STORNI, 1919, p. 501).

percurso do processo de formação histórica da humanidade. Nesse sentido, Storni dialoga com a premissa de Lerner (2019), quando expressa:

Ele deixou de acreditar na missão divina que o dogma lhe atribuía. Não é contra o homem: quando luta pensa no filho, que é homem, mas desconfia da proteção do Estado, desconfia da justiça do homem, tende como disse antes, a exercer a sua responsabilidade. [...]
Somente um egoísmo da espécie pode fazer o homem acreditar que ele é o único capaz de seleção. Acredito firmemente que o feminismo é, hoje, uma questão de justiça.
Este ensaio do pensamento a que aspira uma mulher corresponde-lhe de fato, pela sua única condição de ter nascido livre, de mulher e de homem, com direito ao exercício da sua vontade.
Acredito também que a perfeição é inatingível e que mulheres e homens, unidos para alcançá-la, viverão juntos, os mesmos fracassos já vividos. [...]
Ignoramos todos que preparam este movimento que chamamos de feminismo, mas nada o impedirá. [...] Transformar as palavras: “piedade”, “perdão”, “erro” em “direito da mulher”, “direito da mãe”, “direito de ser humano”, será uma das conquistas inevitáveis e preciosas do feminismo. [...]
O instinto dominado pela clareza do raciocínio consciente é algo muito diferente do instinto grosseiramente sufocado pelo dogma. Equilibrar o instinto será outra das conquistas do feminismo. (STORNI, 1919, p. 501, grifos da autora, tradução minha).¹³

O feminismo, a partir da escrita de Alfonsina Storni, é uma questão de justiça que ainda necessita de mudanças comportamentais, de tratamento, inclusive na maneira como a sociedade concebeu o estereótipo do feminino ao longo do tempo. A mulher não precisa de lamentações, de castigos ou viver de penitências, como se o fato de ter nascido mulher fosse um erro ou uma punição eterna. O feminismo, enquanto movimento social em prol da vida das mulheres, somará conquistas com essas

¹³ Ha dejado de creer en la misión divina que el dogma asignaba.

No va contra el hombre: al luchar piensa en su hijo, que es hombre, pero desconfía de la protección del Estado, desconfía de la justicia del hombre, tiende, como antes he dicho, a ejercitar su responsabilidad. [...]

Sólo un egoísmo de la especie puede hacer creer al hombre que él es, únicamente, el capacitado para la selección. Yo creo firmemente que el feminismo es, hoy, una cuestión de justicia.

Este ensayo del pensamiento a que la mujer aspira le corresponde de hecho, por su sola condición de ser nacido libre, de mujer y hombre, con derecho al ejercicio de su voluntad.

Creo también que la perfección es inalcanzable y que mujeres y hombres, puestos en conjunto a realizarla, conocerán, juntos, los mismos fracasos ya experimentados. [...]

Ignoramos todos qué prepara este movimiento que hemos dado en llamar feminismo, pero nada lo detendrá. [...] Transformar las palabras: “lástima”, “perdón”, “error”, en “derecho de la mujer”, “derecho de madre”, “derecho de ser humano”, será una de las conquistas inevitables y preciosas del feminismo. [...]

El instinto dominado por la claridad de un razonamiento consciente, es cosa muy distinta al instinto sofocado burdamente por un dogma. Equilibrar el instinto será otra de las conquistas del feminismo. (STORNI, 1919, p. 501, grifos da autora).

transformações, quando forem substituídas de fato, pelo direito da mulher, da mãe e de ser humano.

Essas ideias foram concebidas por Alfonsina Storni repetidas vezes, em diversas publicações e em espaços públicos. Foi seu ideal de vida. Cabe destacar que ela foi uma das primeiras mulheres que deu um novo rumo à vida intelectual feminina, abordando o feminismo como tema aberto em sua obra (ASTRADA, 1967), por meio de seu modo desafiador de escrever e falar livremente acerca das reivindicações femininas no espaço latino-americano, em um momento histórico em que elas não tinham direitos políticos e civis.

Alfonsina escreveu “seu último combate contra o patriarcado, contra aqueles que quiseram reduzi-la à voz sentimental e rebelde, à figura trágica que quebra lanças contra a ordem burguesa no existencial, mas nada nos diz de novo na ordem poética”. (HERRÁN, 2001, p. 14)¹⁴. Este atrevimento é o que fez dela uma voz insubmissa no cenário artístico literário ocupado majoritariamente por homens que se incomodavam bastante com sua presença e seu jeito peculiar de ser e demonstrar atitudes, de se identificar como sujeito de sua voz e opinar, lutar por seu lugar no mundo.

Alfonsina representa, assim, a atmosfera de uma escritora modernista — de agitação e turbulência, caracterizada por Bernan (1986) como o sujeito que viveu em expansão das possibilidades de experiência, da destruição das barreiras morais e dos compromissos pessoais, da autoexpansão e da autodesordem, dos fantasmas na rua e na alma — deste modo, ela foi uma das atmosferas que deu origem à sensibilidade moderna e o discernimento de que o feminismo bem compreendido e praticado melhoraria a vida das mulheres e dos homens na sociedade.

Um caminho para uma conclusão

Logo, diante das considerações expostas acima, chega-se a um caminho para trilhar uma breve conclusão desta escrita sobre o que seria o feminismo a partir da leitura de duas prosas de Alfonsina Storni e, da própria biografia da autora que não deixa de ser uma lição feminista para todos e todas que acreditam que o feminismo é um

¹⁴ “su ultimo combate contra el patriarcado, contra aquellos que quisieron reducirla a la voz sentimental y rebelde, a la figura trágica que rompe lanzas contra el orden burgués en lo existencial, pero nada nuevo nos dice en orden poético”. (HERRÁN, 2001, p. 14).

espírito de libertação para a vida da mulher, frente ao contexto da educação opressora do patriarcado destinada às meninas e aos meninos desde a tenra vida social.

Este estudo considerou *Feminidades* e *Un tema viejo*, como exemplos de intervenções ensaísticas. Ele também é um recorte de uma pesquisa pós-doutoral acerca da vida e da obra de Alfonsina. Sendo assim, na busca da obra da autora em sebos, bibliotecas físicas e virtuais, arquivos físicos e virtuais, nos espaços em que ela conviveu não tem como separá-la do biofeminismo. Alfonsina Storni foi em vida um exemplo do que é uma mulher feminista, de viver o feminismo como uma ideologia e uma prática feminista na rotina social.

Feminidades e *Un tema viejo* são apenas duas mostras de como ela exemplifica o cotidiano das mulheres em transformação social no cenário do modernismo, na virada do século XIX para o XX e, como ela concebe o feminismo, organizando no meio do contexto literário, definições do movimento social no palco das lutas feministas na América Latina.

Sua vasta obra feminista – tanto tempo ignorada, e posta em divulgação apenas os poemas que a valorizassem como uma poeta do amor, hoje ecoa em muitos espaços acadêmicos que estão dando a verdadeira significação e importância a sua contribuição literária e teórica no que diz respeito ao movimento social que cada vez mais ganha voz e força na sua pluralidade para lutar pelas garantias dos direitos políticos, civis e humanos de todas as mulheres e dos homens também, já que Alfonsina escreveu um feminismo que estivesse em prol da educação feminista para homens e mulheres.

Portanto, este recorte dos estudos feministas baseados na leitura de dois textos de Storni vem como mais uma pesquisa que visa contribuir para a divulgação da obra desta mulher que lutou em toda sua vida e escreveu em toda sua obra, pelo direito da mulher ser considerada como um sujeito social e, assim, conquistar por seu trabalho e pensamento um lugar no mundo por meio disso.

Referências

ASTRADA, Etelvina. Figura y significación de Alfonsina Storni. In: **Agencia Española de Cooperación Internacional para el Desarrollo**, 1967. Disponível em: <https://www.cervantesvirtual.com/buscador/?q=alfonsina+storni+%28revista+nosotros%29>. Acesso em: 01 dez. 2023.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar**: a aventura da modernidade. Trad. Carlos Felipe Moisés, Ana Maria L. Ioratti e Marcello Macca. Editora Schwarcz: São Paulo, 1986.

CIXOUS, Hélène. Efeito de espinho rosa, 2010. In: CIXOUS, Hélène. **O riso da Medusa**. Trad. Natália Guerellus e Raísa França Bastos. 1ª ed. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2022a. p. 27-40.

CIXOUS, Hélène. **O riso da Medusa**. Trad. Natália Guerellus e Raísa França Bastos. 1ª ed. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2022.

DIZ, Tania. Sobre cuerpos, ironías y otros decires: “Feminidades” de Alfonsina Storni. In: GUZMÁN, Lucía Stecher; JARA, Natalia Cisterna (Orgs). **América Latina y el Mundo Exploraciones en torno a identidades, discursos y genealogías**. Centro de Estudios Culturales Latinoamericanos Facultad de Filosofía y Humanidades, Universidad de Chile: Chile, 2004. p. 83-98.

GUTIÉRREZ LARRETA, Carlos. Comités femininos. In: **La Nota**. Año IV. Nº 193, p. 461-462, 18 de abril de 1919.

HERRÁN, Teresa Leonardi. Alfonsina Storni la com el rebaño. In: **Claves**, Año X. Nº 105, p. 14-17, noviembre de 2001. Disponível em: www.ahira.com.br. Acesso em: 02 dez. 2023.

LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado**: história da opressão das mulheres pelos homens. Trad. Luiza Sellera. São Paulo: Cultrix, 2019.

STORNI, Alfonsina. Feminidades. In: **La Nota**. Año IV. Nº 190, p. 406-407, 28 de marzo de 1919.

STORNI, Alfonsina. Un tema viejo. In: **La Nota**. Año IV. Nº 194, p. 500-502, 25 de abril de 1919.

Recebido em: 22/01/2024.

Aprovado para publicação em: 18/09/2024.